



Miguel Prudêncio

OPINIÃO CORONAVÍRUS

A ciência, o último reduto da verdade

O que fazer quando recebemos uma mensagem no WhatsApp, vemos um *post* no Facebook ou nos deparamos com uma notícia num meio de comunicação social sobre as mais incríveis teorias “científicas” acerca do vírus SARS-CoV-2? O mais importante é refletir antes de encaminhar uma suposta “notícia” para todos os nossos contactos.

6 de Agosto de 2020, 14:03

Não é de hoje que as chamadas *fake news* tomaram de assalto o **palco das redes sociais**, e mesmo de meios de comunicação social ditos tradicionais. Enquanto prosperam na ignorância e no medo, essas notícias falsas são, também elas, instigadoras do desconhecimento e do receio generalizados, num círculo vicioso que se auto-alimenta e perpetua. Claro que não faltam vozes sensatas alertando para os perigos do consumo de *posts*, artigos ou peças televisivas apócrifas, e apelando à inteligência e ao exercício do sentido crítico de cada um antes de se tomarem como certas as “verdades” que nos chegam às mãos através do Instagram, Facebook, e Twitter, ou mesmo dos jornais e da televisão. No entanto, infelizmente, essa sensatez nem sempre prevalece.

A recente pandemia criou um chão fértil para a divulgação de notícias destituídas de qualquer fundamento científico, cujo único propósito é instalar a confusão, e cujo único efeito é contribuir para agravar o problema. É por isso que, porventura nunca como agora, é urgente desmontar a mentira e a falsidade, e apelar ao espírito crítico, à capacidade de procurar informação cientificamente fidedigna e à reflexão de cada um, antes de aceitar ou, pior ainda, propalar a mentira, ainda que o faça com a melhor das intenções.

Desde o início do período que atravessamos, chegaram-me às mãos as mais incríveis teorias “científicas” acerca do **vírus SARS-CoV-2** e sobre como o combater. Lembro-me de um vídeo de um auto-intitulado “químico autodidata” que afirmava que o álcool a 70% não mata os microorganismos, apenas esteriliza, advogando ao invés o vinagre **como o desinfetante** ideal para o vírus. Esqueceu-se de mencionar que “esterilização de materiais é a total eliminação da vida microbiológica destes materiais”, ou seja, a morte desta. Ou da receita segundo a qual “Tudo o que precisamos fazer para vencer o coronavírus, é ingerir mais alimentos alcalinos que estão acima do nível de pH do vírus”, listando como exemplos o abacate, com o seu pH de 15,6 e o dente de leão com o espetacular pH de 22,7.

Mesmo pondo de parte o facto de que o vírus se aloja nas vias respiratórias, pelo que o pH da comida ingerida para o estômago nada tem que ver com o pH que o vírus experiencia, ocorre que a escala de pH vai de 1 a 14, em que 7 é neutro, abaixo de 7 é ácido, e acima de 7 é alcalino, pelo que os valores apresentados nesta receita miraculosa nem sequer existem.

Ou, mais recentemente, lembro-me da “notícia bombástica” de que **a covid-19** não é causada por um vírus, mas sim por uma bactéria, devendo por isso ser combatida com antibióticos e aspirina. Isto quando está perfeitamente demonstrado que o agente etiológico da doença é o vírus SARS-CoV-2, tendo o mesmo já sido isolado, visualizado, **completamente sequenciado**, e amplamente estudado em centenas de laboratórios pelo mundo.

Se algumas destas “notícias” são relativamente inócuas e sobretudo risíveis, outras são manifestamente perigosas e podem ter consequências potencialmente graves para a saúde. Como por exemplo a “receita” de tratamentos homeopáticos para a covid-19 que também me chegou, segundo a qual a doença se curaria com a ingestão de cânfora diluída *ad infinitum* – ou seja, água – quatro vezes por dia. De resto, para percebermos os perigos com que nos confrontamos, basta pensar que os líderes dos dois maiores países do continente americano fazem alarde em propagandear o uso da hidroxiquina como um tratamento eficaz contra a covid-19, ao arrepio de toda a evidência científica, tratando-se inclusivamente de um fármaco que pode ter efeitos secundários muito graves em pacientes já por si debilitados.

O que fazer, então, quando recebemos uma mensagem deste tipo no WhatsApp, vemos **um post no Facebook** ou nos deparamos com uma notícia num meio de comunicação social? O mais importante é refletir antes de encaminhar automaticamente essa suposta “notícia” para todos os nossos contactos, sem ponderação prévia. Qual a fonte da notícia? Qual a credibilidade dessa fonte? Qual o impacto que ela pode ter em quem a receber se porventura for falsa? Quero correr esse risco? Estas são perguntas que todos nos devemos colocar antes daquele gesto quase automático de reencaminhar a mensagem ou o *post*.

Para nos ajudar nessa tarefa de análise, podemos recorrer a literatura científica adequada, nomeadamente artigos em revistas científicas referenciadas e revistas por pares; a *sites* médicos fidedignos, como os da **Organização Mundial da Saúde**, da **Direção-Geral da Saúde** ou dos **Centros de Controle e Prevenção de Doenças americanos**; ou, simplesmente, consultar a opinião do nosso médico assistente ou de um cientista que nos possa elucidar.

Vários dos exemplos que dei atrás chegaram-me precisamente através de pessoas que, tendo recebido aquelas mensagens, solicitaram a minha opinião científica acerca da sua idoneidade. Atitude sensata, de quem não quis contribuir para **a desinformação generalizada** que assola a Internet e alguns meios de comunicação social. E, na dúvida, a atitude mais prudente é, porventura, não disseminar essa informação, pelo menos até que a sua solidez científica tenha sido devidamente averiguada.

Será esta receita infalível para prevenir todos **os males que as fake news** trazem ao mundo de hoje? Infelizmente não. A sofisticação de quem tem como único **objetivo desinformar** torna a tarefa de preservação da verdade um esforço hercúleo, mas um esforço que todos devemos fazer. E se, em determinadas áreas da política ou da sociedade, as ferramentas para esse combate parecem ser escassas, nos domínios da saúde e da medicina, bem como em tantos outros, o conhecimento científico é a arma que mais eficazmente nos pode proteger da ignorância. Num mundo em que a falsidade e os factos tantas vezes se confundem, a ciência é, e continuará a ser, o último reduto da verdade.